

CARLOS MACHILI:

As "pupilas" do senhor reitor

Domingo
4/Ago/96
p. 30

Bento Venâncio

Devemos ser enormes as pupilas de Machili, considerando os longos anos de luz nos olhos, em ângulos diversos e na obsessiva busca do conhecimento. Este cidadão que o mundo acolheu, é amigo da História, vive com ela, sonha com ela, faz quase tudo com ela.

Hoje, nomeado Reitor da Universidade Pedagógica, por despacho presidencial, Machili não se excede em ânimos, é muito simples, um espécie de criança desejosa em crescer, em fazer o que os adultos fazem. Muito humildemente.

Conversa-se com este homem, de cinquenta e quatro anos de idade, e o tempo pára de certeza. De discurso fluído, tão simples como o sentido duma personalidade com "barbas", feitas nas escolas de Moçambique, em universidades europeias e em várias "aldeias" deste mundo, ele sabe conversar.

Começa o diálogo com o repórter mostrando-lhe as mãos. O que tu repara nestas mãos são calos, acabo de chegar da minha machamba, eu sei trabalhar a terra com enxada, eis a primeira confiança.

Despista, assim, o "pedaço" da chamada personalidade estatutária, que formaliza pontos de vista. Ele, e como mais tarde diria, desburocratiza a vida, com vista a facilitar a sua expressão, enobrecendo e simplificando também o sentido da sua expressão aos viventes.

Carlos Machili, agora reitor da Universidade Pedagógica, é um professor de História. É caso raro dum professor que gosta da profissão, nas condições do seu reatamento no país, falando de vantagens do seu magistério; enfim, da sua tonalidade humana.

Nasceu no dia vinte e cinco de Maio de 1942, em Messumba, distrito de Lago, província do Niassa. O seu pai, Wilford Machili, foi catequista e a mãe, Neema Chipemba, pertenceu a uma família famosa do vizinho Malawi, pois tinha em Henry

Chipemba um núcleo fundamental, que foi fundador do Malawi Congress Party, um partido ligado à esquerda, mais tarde sufocado por Kamuzu Banda.

Até aos dezasseis anos, Carlos Machili viveu em Messumba. Passou a infância nesta terra, no quadro das privações da época e no contexto do colonialismo português. De 1951 a 1955 estudou na Escola Primária de São Bartolomeu, nesta localidade.

Concluída a instrução primária, devia aviar as malas rumo ao Malawi para prosseguir os estudos, mas quis o pai que no lugar dele fosse o irmão mais velho. Ele tinha que aguardar por uma posterior oportunidade.

Assim, e para que o adolescente não se perdesse no mundo da vida fácil, dos drogados, dos marginais, enfim de classes conotadas com desvios sociais, o pai mandou-o a Massangulo, concretamente à escola de artes e ofícios local. Foi aqui onde ele aprende, segundo suas próprias palavras, a trabalhar a madeira.

Na verdade, o destino traçara já a trajetória do então menino. A deslocação ao Malawi visando os estudos nunca mais veio a ocorrer, não obstante o irmão mais velho não ter ido para lá estudar, conforme o desejo do "velho-te".

Carlos Machili diz que pessoalmente quis lá ir, mas na

altura o tio, que era o influente do sítio, multiplicava-se em políticas e dispunha assim de pouco tempo para "pequenas preocupações".

Foi deste modo que o seminário bateu as portas do hoje historiador. Visando os estudos, Carlos Machili trocou Niassa por Nampula e no Colégio Vasco da Gama (Seminário Menor), o nosso entrevistado estudou de 1959/63 para padre por proposta dos padres da consolata.

O liceu ia até ao quinto ano e em Nampula não pôde concluir a instrução.

Machili concluiu em 62 o terceiro ano e visita Messumba, sua terra natal, em gozo de férias escolares. E por um triz ele não vai à Tanzânia para instrução política e militar, pois a Frelimo iniciara já o recrutamento de mancebos para as fileiras da luta pela libertação nacional.

Ele recorda-se, a esse respeito, de Matias Juma, que combinara com ele para avançarem, mas que partira horas antes da sua chogada a Niassa. Curiosamente, era um dos recrutadores o pai de Brazão Mazula, o reitor da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Perdi uma honrosa oportunidade de participar, de armas na mão, na luta armada, ficou ele, sorridente.

No ano seguinte, 1963, Machili deixa Moçambique com destino à Europa, concretamente Portugal, onde durante três anos acabou o liceu, conquirando para si o diploma correspondente ao sétimo ano.

Em 66 parte para Itália, isto para fazer um ano de noviciado, uma espécie de "preparatório" ao ingresso na congregação. Já no ano seguinte, inicia os estudos de Filosofia na Universidade Gregoriana, onde paralelamente à formação universitária, desenvolve contactos com os padres Mondin, Terutse, Teodori e César Bertuli, este último autor do conhecido livro *Cruz e Espada em Moçambique*,



cuja revisão foi feita por Machili. Estes padres estiveram ligados, de certa forma, à luta de libertação nacional.

Foi desta, assim, que o historiador iniciou uma activa militância no processo de luta pela autodeterminação dos seus concidadãos, uma vez que perdera a oportunidade de fazê-lo pela via das armas. Lutava assim através da caneta.

Conta-nos que foi mesmo na Itália, onde usando o pseudónimo de Sanadi iniciou uma colaboração com o *Corriere de la Serra*, um dos mais prestigiados jornais italianos. Neste órgão de informação ele reportava episódios de luta e questionava pela negativa o sentido do colonialismo em África.

A permanência na Universidade Gregoriana foi até ao nível de mestrado, tendo mais tarde se candidatado para doutor. Já em 1970, Carlos Machili deixa o seminário, abandonando a formação para padre, portanto. No mesmo ano, ingressa na Universidade de Roma, para estudar Ciências Políticas. Em 75 consegue uma licenciatura no ramo, transferindo-se depois para a Universidade de Bolonha, local onde em 77 se doutorou.

De referir que de 1974/77 Machili foi 1º assistente da cadeira de História das Instituições políticas africanas e de antropologia cultural dos professores Anna Maria Gentili (historiadora) e Bernardo Bernardo, este último considerado até ao momento o antropólogo que detém o melhor conhecimento da África Austral.

O HISTORIADOR E O HOMEM

O ciclo europeu na trajetória deste homem termina com

o doutoramento, pelo menos em termos académicos.

Em 77 ele regressa a Moçambique, um país independente já, valendo o adjetivo mais do que uma licença histórica, pois o colonialismo para o historiador significou, também, o silêncio do nosso valor, em diferentes vertentes.

No solo pátrio, trabalha no Ministério da Educação até 1990, tendo depois passado para funcionário da UNESCO, onde chegou mesmo a exercer funções de Secretário Executivo da respectiva comissão nacional.

De 1980 a 90 desempenhou funções de professor de História como eventual na Josina Machel e de 93/95 deu aulas de História Geral na UEM, em regime de acumulação. Recentemente foi nomeado Reitor da Universidade Pedagógica, onde também é docente da cadeira de História de África.

Carlos Machili, adepto feroz do Ferrovário de Maputo, como fez questão de dizer logo ao repórter, ele nunca falta aos jogos que esta equipa realiza nos diferentes campeonatos.

Iniciando assim a conversa, e revelando-se um intelectual sem medo da enxada (falámos sobre isto logo no início do texto), Machili manifestou a tentativa de mostrar-se um homem comum, que pouco ou quase nada liga à ostentação académica.

Os seus gestos são simples, mas no rosto aparecem, por vezes, pequenas rugas, as quais são vistas pelos seus alunos como resultantes duma revolta silenciosa com a história. Ele nega tais alegações.

Falámos com ele sobre exclusões na linguagem de cargos políticos. E ele, talvez

sem dar por isso, revoltou-se contra a ideia, no entanto revelando que não é verdade que ele não tenha sido ministro por ser bêbado, um viciado.

"Sou teimoso, fui sempre teimoso", disse ao repórter, rebatendo isto tudo no contexto positivo, um contexto motivador também à ciência, sobretudo na descoberta da novidade. Neste ponto, aliás, os seus alunos alegam que revolucionou o ensino da História na Universidade Pedagógica. O meu espírito crítico tem abalado também o partido (Frelimo), diz, acrescentando que tal postura erradamente é enquadrada numa rebeldia que não existe, tanto assim que ele considera que o país precisa da Frelimo, uma organização que vale pelo projecto político e económico traçado desde os momentos da luta armada.

Carlos Machili, historiador e homem, hoje como ontem, é homem do mundo, do seu tempo. Na especialidade é adepto de homens como Liesegang, José Kapela (Socres Martins), António Sopa e Cândido Teixeira.

No plano internacional, confessa amores pelos seguintes cientistas sociais: Leonard Ngongo (Botswana), Aly Mazrui (Kénia), Kaniki (Tanzânia) e D. Chanaiwa (Zimbabwe).

O seu maior prazer na vida é, como diz, aprender com os estudantes. Gosta de caril de peixe, ele que é da civilização do peixe.

Machili é casado, apesar de considerar as mulheres autênticos demónios que só nos fazem perder, no entanto mais que o sentido duma perda comum, surpreendentemente transcendente".



"O ensino desburocratiza-se; o intelectual deve situar-se entre o simples e o composto, moderadamente"